

Complicações em Cirurgia Oral Menor



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.004-063>

Cléia Galdino de Sousa D'Ávila

Samantha Peixoto Pereira

RESUMO

A cirurgia oral menor é comum em odontologia, porém, mesmo sendo considerada segura e de baixo risco, complicações como dor, edema, sangramento, infecção e lesões nervosas podem ocorrer. O cirurgião-dentista deve estar ciente das possíveis complicações, identificá-las rapidamente e realizar um acompanhamento pós-operatório para garantir a segurança e eficiência do procedimento. O objetivo geral do presente trabalho foi dissertar

sobre as complicações em cirurgia oral menor. O tipo de pesquisa realizado neste trabalho foi uma Revisão de Literatura, no qual foi realizada consulta a livros, dissertações e em artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados *Google Academy*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). A cirurgia oral menor abrange procedimentos odontológicos rotineiros e de menor complexidade, porém, sujeitos a riscos e complicações variadas. A prevenção dessas complicações envolve planejamento cirúrgico detalhado, rigorosa adesão às normas de biossegurança, habilidade cirúrgica precisa e tratamento adequado em caso de complicações.

Palavras-chave: Cirurgia Oral. Menor. Complicações. Tratamentos.

1 INTRODUÇÃO

A cirurgia oral menor é um procedimento comum em odontologia e pode ser realizada em consultórios ou clínicas. Embora seja considerada uma técnica segura e de baixo risco, as complicações podem ocorrer durante ou após o procedimento. As complicações podem ser classificadas como imediatas ou tardias e incluem dor, edema, sangramento, infecção e lesões nervosas.

É importante que o cirurgião-dentista esteja ciente das complicações potenciais e saiba como identificá-las e tratá-las adequadamente. A prevenção é fundamental para minimizar a ocorrência de complicações em cirurgia oral menor, por isso a identificação rápida é extremamente importante.

A justificativa para o estudo das complicações em cirurgia oral menor está relacionada à necessidade de fornecer um tratamento seguro e eficaz ao paciente. O conhecimento das possíveis complicações e a habilidade para preveni-las e tratá-las adequadamente são essenciais para garantir o sucesso do procedimento e a satisfação do paciente. Além disso, o estudo das complicações em cirurgia oral menor pode contribuir para a melhoria da prática clínica, proporcionando maior segurança e eficiência no tratamento.



As complicações em cirurgia oral menor são um tema relevante na odontologia, uma vez que podem ocorrer mesmo em procedimentos considerados simples e de baixo risco. Essas complicações podem afetar a saúde e o bem-estar do paciente, bem como o sucesso do tratamento. Dessa forma, surgiu a seguinte pergunta problema: Quais são as estratégias mais eficazes para prevenir e tratar as complicações em cirurgia oral menor?

O objetivo geral do presente trabalho foi dissertar sobre as complicações em cirurgia oral menor. Para isso, os objetivos específicos foram: Conceituar a cirurgia menor, descrever sobre as complicações que podem ocorrer na cirurgia menor e descrever como podem ser evitadas e tratadas todas as complicações.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa realizado neste trabalho foi uma Revisão de Literatura, no qual foi realizada consulta a livros, dissertações e em artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados *Google Academy*, *Scientific Electronic Library Online* (Scielo). O período dos artigos pesquisados foram os trabalhos publicados nos últimos *cinco* anos. As palavras-chave utilizadas foram: Cirurgia Oral. Menor. Complicações. Tratamentos.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cirurgia menor é um procedimento cirúrgico realizado em nível ambulatorial, com o objetivo de resolver problemas de saúde que não necessitam de intervenção cirúrgica de grande porte. Geralmente, é realizado sob anestesia local e não requer internação hospitalar. O termo “menor” se refere ao fato de que a intervenção cirúrgica é considerada de baixo risco, com uma menor complexidade e um menor tempo de recuperação (CARVALHO; PAULA, 2021).

A cirurgia menor pode ser realizada por diferentes especialidades médicas e odontológicas, dependendo do tipo de intervenção necessária. Essa técnica pode ser usada em várias situações, como na remoção de cistos, tumores benignos, dentes inclusos, entre outros. A cirurgia menor também é frequentemente usada em procedimentos estéticos, como a remoção de verrugas e pintas. A cirurgia menor é considerada uma técnica segura, mas como em qualquer procedimento cirúrgico, existem riscos associados (GUIMARÃES, 2023).

As complicações podem incluir dor, infecção, sangramento, cicatrização inadequada, entre outras. É importante que o paciente seja informado sobre os riscos e benefícios da cirurgia menor antes de realizar o procedimento. A cirurgia menor é uma técnica que pode ser realizada em diferentes ambientes, como consultórios médicos, clínicas e hospitais (MATEUS, 2022).



É importante que o ambiente seja adequado e esteja equipado com os materiais e instrumentos necessários para a realização da cirurgia. Além disso, é fundamental que o profissional que realiza o procedimento tenha a qualificação necessária para executar a técnica com segurança e eficácia. A cirurgia menor pode ser realizada com diferentes tipos de anestesia, como a local, a sedação consciente e a anestesia geral (SÁ, 2022).

A escolha da anestesia depende do tipo de procedimento e das condições de saúde do paciente. É importante que o profissional responsável pela cirurgia esteja ciente das possíveis reações adversas à anestesia e saiba como tratá-las adequadamente. A cirurgia menor é um procedimento que pode ser realizado em pacientes de diferentes idades, desde crianças até idosos. No entanto, em pacientes com condições de saúde comprometidas, como diabetes e doenças cardíacas, o procedimento pode ser considerado de maior risco (SANTOS, 2022).

Nesses casos, é importante que o paciente seja avaliado e acompanhado adequadamente antes e depois da cirurgia. A cirurgia menor é uma técnica que pode trazer benefícios significativos para a saúde e bem-estar do paciente. No entanto, é importante que o paciente esteja ciente dos riscos associados e saiba como se preparar adequadamente para o procedimento (GUIMARÃES, 2023).

Além disso, o profissional responsável pela cirurgia deve ter a qualificação necessária para executar a técnica com segurança e eficácia. Por fim, é importante ressaltar que a cirurgia menor é uma técnica que deve ser realizada apenas quando necessário e quando os benefícios superam os riscos. O paciente deve ser informado sobre todas as opções de tratamento disponíveis e ter a liberdade de escolher a opção que melhor se adequa às suas necessidades e condições de saúde (MATEUS, 2022).

Antes de realizar um procedimento de cirurgia oral menor, é importante que o cirurgião-dentista solicite exames complementares para avaliar a saúde do paciente e identificar possíveis fatores de risco que possam interferir na realização da cirurgia. Alguns dos exames mais comuns incluem:

- a) Exames de sangue: os exames de sangue podem ajudar a avaliar a função renal, hepática e endócrina do paciente, além de verificar a presença de infecções ou inflamações (GARCIA et al., 2020).
- b) Radiografias: as radiografias são importantes para avaliar a estrutura óssea e a posição dos dentes que serão removidos. As radiografias podem ajudar a identificar a presença de cistos, tumores ou outras anomalias que possam interferir na cirurgia (HUPP; ELLIS III; TUCKER, 2021).
- c) Eletrocardiograma: em alguns casos, o cirurgião-dentista pode solicitar um eletrocardiograma para avaliar a saúde cardiovascular do paciente e identificar possíveis riscos para a anestesia (DA SILVA et al., 2018).



- d) Tomografia computadorizada: a tomografia computadorizada é uma técnica de imagem mais avançada que pode ajudar a avaliar com mais precisão a estrutura óssea e a posição dos dentes. Esse exame é mais indicado em casos de cirurgias mais complexas (HUPP; ELLIS III; TUCKER, 2021).
- e) Testes de coagulação: em pacientes que utilizam anticoagulantes ou que apresentam problemas de coagulação, o cirurgião-dentista pode solicitar testes de coagulação para avaliar o risco de sangramento durante a cirurgia (GARCIA et al., 2020).
- f) Avaliação médica: em casos de pacientes com doenças crônicas ou condições de saúde comprometidas, é importante que o cirurgião-dentista solicite uma avaliação médica antes da cirurgia. Isso pode ajudar a identificar possíveis riscos e orientar o planejamento da cirurgia (CARVALHO; PAULA, 2021).

Em resumo, antes de realizar um procedimento de cirurgia oral menor, o cirurgião-dentista deve solicitar exames complementares para avaliar a saúde geral do paciente e identificar possíveis fatores de risco. Isso ajuda a garantir a segurança e eficácia da cirurgia, reduzindo os riscos de complicações durante e após o procedimento (GUIMARÃES, 2023).

A cirurgia oral menor é um procedimento odontológico comum que envolve a remoção de dentes do siso, dentes inclusos, cistos, entre outras intervenções. Embora seja considerada uma cirurgia simples, como qualquer procedimento cirúrgico, a cirurgia oral menor pode apresentar complicações. Algumas das complicações mais comuns incluem:

- a) Sangramento excessivo: pode ocorrer devido a uma má coagulação sanguínea, lesão do tecido gengival, ou da artéria que irriga a região. O sangramento excessivo pode ser controlado com a aplicação de pressão na área afetada ou com o uso de suturas (HUPP; ELLIS III; TUCKER, 2021).
- b) Infecção: pode ocorrer devido à falta de higiene adequada ou a um sistema imunológico comprometido. A infecção pode causar inchaço, dor e febre. O tratamento geralmente envolve o uso de antibióticos (GARCIA et al., 2020).
- c) Dano aos nervos: pode ocorrer quando os nervos são lesionados durante a cirurgia. Os sintomas podem incluir dormência, formigamento, sensação de choque elétrico ou dor. O tratamento pode envolver medicação e, em casos mais graves, cirurgia reparadora (DA SILVA et al., 2018).
- d) Dano aos tecidos adjacentes: pode ocorrer quando os tecidos circundantes são danificados durante a cirurgia. Isso pode levar a uma cicatrização inadequada e a um aumento do risco de infecção (GARCIA et al., 2020).



- e) Alveolite: é uma inflamação do osso e do tecido gengival que ocorre após a extração do dente. Pode ser causada por uma infecção bacteriana ou por uma exposição óssea excessiva. O tratamento envolve a limpeza da área afetada e, em alguns casos, a aplicação de medicação tópica (HUPP; ELLIS III; TUCKER, 2021).
- f) Reação alérgica: pode ocorrer em pacientes com hipersensibilidade a medicamentos ou materiais utilizados durante a cirurgia. Os sintomas podem incluir erupção cutânea, inchaço, dificuldade para respirar e choque anafilático. O tratamento envolve a administração imediata de medicamentos para aliviar os sintomas (GARCIA et al., 2020).
- g) Fratura óssea: pode ocorrer durante a extração do dente, especialmente se o dente estiver muito preso ou a raiz estiver curvada. A fratura óssea pode exigir um tratamento mais extenso e prolongado (CARVALHO; PAULA, 2021).
- h) Luxação de dente adjacente: pode ocorrer durante a remoção de um dente impactado ou retido. Esta complicação pode resultar em mobilidade, dor e possível perda do dente adjacente. Geralmente é tratada com imobilização e acompanhamento cuidadoso para garantir a recuperação completa (GARCIA et al., 2020).
- i) Dificuldade na abertura da boca (trismo): pode ocorrer devido à inflamação, hematomas ou lesões musculares. Trismo pode interferir com as atividades diárias como falar e comer. O tratamento envolve fisioterapia, calor local e, em alguns casos, medicação relaxante muscular (HUPP; ELLIS III; TUCKER, 2021).
- j) Deiscência de sutura: pode ocorrer quando as suturas não são mantidas devidamente, resultando na separação das bordas da ferida, prolongando assim o período de cicatrização. O tratamento envolve a limpeza da área, possivelmente a reaplicação de suturas e a administração de antibióticos para prevenir a infecção (GARCIA et al., 2020).
- k) Disfunção temporomandibular (DTM): pode ser exacerbada por cirurgias orais menores, especialmente em pacientes que já apresentam sintomas. Esta complicação é caracterizada por dor na articulação temporomandibular, dificuldade de abertura da boca e ruídos articulares. O tratamento pode envolver fisioterapia, placas oclusais e, em casos mais graves, intervenção cirúrgica (DA SILVA et al., 2018).
- l) Perda de vitalidade de dentes adjacentes: pode ocorrer se houver lesões nos vasos sanguíneos que alimentam o dente adjacente. Isso pode resultar em morte da polpa do dente, exigindo um tratamento de canal subsequente ou até mesmo a perda do dente afetado (HUPP; ELLIS III; TUCKER, 2021).

Portanto, a cirurgia oral menor pode apresentar complicações que variam em gravidade e podem afetar o resultado da cirurgia e a recuperação do paciente. É importante que o cirurgião-dentista



esteja ciente dessas possíveis complicações e tome as medidas necessárias para evitá-las ou tratá-las adequadamente, garantindo a segurança e o bem-estar do paciente.

Para prevenir as complicações em cirurgia menor odontológica, é essencial que o cirurgião-dentista faça uma avaliação completa do paciente antes da cirurgia. É necessário que sejam coletadas informações sobre a história médica e odontológica do paciente, incluindo condições de saúde, alergias e medicamentos em uso. Além disso, é importante que o profissional siga todas as normas de biossegurança, com o uso de equipamentos de proteção individual e esterilização adequada dos instrumentos (GUIMARÃES, 2023).

Durante a cirurgia, é fundamental que o cirurgião-dentista tenha habilidade e precisão nos movimentos, evitando lesões em estruturas adjacentes, como nervos e vasos sanguíneos. Também é importante que o controle da hemorragia seja realizado com cautela e que seja feita uma sutura adequada para prevenir o risco de infecções (SÁ, 2022).

Para tratar as complicações que possam surgir, é fundamental que o cirurgião dentista tenha conhecimento e habilidade para realizar os procedimentos necessários. No caso de hemorragias, por exemplo, pode ser necessária a aplicação de técnicas de hemostasia, como a compressão local ou o uso de agentes hemostáticos. Já em caso de infecções, pode ser necessário o uso de antibióticos ou a realização de drenagem de abscessos (SANTOS, 2022).

Para o gerenciamento eficaz de complicações como luxação de dente adjacente, pode-se considerar o uso de instrumentos apropriados e técnicas minimamente invasivas durante a extração. Em casos onde a mobilidade dentária ocorre, a imobilização do dente, acompanhada de um cuidadoso monitoramento, pode ajudar a preservar a vitalidade do dente adjacente (GARCIA et al., 2020).

Quanto ao trismo, a prevenção é de suma importância e pode ser alcançada através da aplicação de técnicas suaves e da minimização do trauma cirúrgico. Os medicamentos anti-inflamatórios não esteroidais podem ser usados antes e após o procedimento para reduzir a inflamação. No tratamento, a fisioterapia e a termoterapia podem auxiliar na melhora da amplitude de movimento (HUPP; ELLIS III; TUCKER, 2021).

A deiscência de sutura pode ser evitada mantendo a técnica adequada de sutura e orientando o paciente a evitar forças prejudiciais que podem comprometer a área de cicatrização, como o tabagismo e a higiene bucal inadequada. Caso ocorra deiscência, a limpeza do local, uma nova sutura e a administração de antibióticos podem ser necessários (DA SILVA et al., 2018).

A disfunção temporomandibular (DTM) pode ser prevenida através da realização de uma avaliação pré-operatória completa. Se um paciente já apresenta sintomas de DTM, medidas podem ser tomadas para minimizar o trauma à articulação, como a aplicação de técnicas cirúrgicas minimamente invasivas e a limitação da duração do procedimento. A terapia física e a aplicação de dispositivos oclusais podem ser benéficas no tratamento dessa condição (GARCIA et al., 2020).



A prevenção da perda de vitalidade de dentes adjacentes envolve um cuidadoso planejamento cirúrgico e uma técnica meticulosa para minimizar o trauma vascular. Se ocorrer lesão, o tratamento endodôntico pode ser indicado para salvar o dente. Em suma, a prevenção e o tratamento adequado das complicações em cirurgia oral menor envolvem não só habilidades técnicas refinadas, mas também um cuidadoso acompanhamento e manejo pós-operatório (HUPP; ELLIS III; TUCKER, 2021).

Outra forma de tratamento é o acompanhamento do paciente após a cirurgia, com orientações para a correta higienização da região operada e para o uso de medicamentos prescritos. Em casos mais graves, pode ser necessário encaminhar o paciente para uma unidade de saúde com maior complexidade, como um hospital (DA SILVA et al., 2018).

A prevenção de complicações é um ponto crucial em qualquer procedimento cirúrgico, inclusive na cirurgia menor odontológica. Para evitá-las, é necessário que o cirurgião-dentista esteja sempre atento ao histórico médico e odontológico do paciente, bem como ao cumprimento das normas de biossegurança (SANTOS, 2022).

Durante a cirurgia, a habilidade e precisão nos movimentos são essenciais para evitar lesões em estruturas adjacentes, além do controle cuidadoso da hemorragia e sutura adequada. Caso ocorram complicações, é fundamental que o cirurgião-dentista tenha o conhecimento necessário para lidar com a situação. Isso inclui o uso de técnicas de hemostasia para o controle de sangramento e o tratamento de infecções com antibióticos ou drenagem de abscessos (MATEUS, 2022).

O acompanhamento adequado do paciente após a cirurgia, com orientações para a higiene da região operada e uso de medicamentos prescritos, também é importante. No entanto, a melhor forma de tratar complicações é preveni-las. O acompanhamento e cuidado adequado com o paciente antes, durante e após a cirurgia são fundamentais para evitar problemas futuros. A atenção às normas de biossegurança e técnicas cirúrgicas adequadas também são essenciais para o sucesso do procedimento (SÁ, 2022).

Por fim, é importante destacar que a prevenção de complicações em cirurgia menor odontológica é a melhor forma de evitar tratamentos adicionais e prejuízos para o paciente. Por isso, o acompanhamento adequado e o cuidado com a técnica cirúrgica são fundamentais para o sucesso do procedimento e para a saúde do paciente.

3 CONCLUSÃO

A cirurgia oral menor é um conjunto de procedimentos odontológicos que, apesar de rotineiros e de menor complexidade, não estão isentos de riscos e complicações. Estas podem se manifestar de várias formas, desde sangramento excessivo, infecção, dano aos nervos e tecidos adjacentes, alveolite,



reações alérgicas, fraturas ósseas, até luxação de dentes adjacentes, trismo, deiscência de sutura, disfunção temporomandibular e perda da vitalidade dos dentes próximos.

Para evitar estas complicações, é imprescindível um planejamento cirúrgico adequado, que inclua a coleta de informações detalhadas sobre a história médica e odontológica do paciente. Além disso, as normas de biossegurança devem ser rigorosamente seguidas para reduzir o risco de infecções. Durante o procedimento, o cirurgião-dentista deve exercer habilidade e precisão nos movimentos, evitando lesões em estruturas adjacentes e controlando a hemorragia de forma adequada.

No caso de surgimento de complicações, é fundamental que o profissional tenha o conhecimento e habilidade para realizar os procedimentos necessários para o controle e tratamento desses eventos adversos. Isso pode incluir técnicas de hemostasia, uso de antibióticos, drenagem de abscessos, fisioterapia, terapia endodôntica, entre outros.

Portanto, apesar dos potenciais complicações inerentes à cirurgia oral menor, estas podem ser efetivamente prevenidas e tratadas através de uma combinação de planejamento cuidadoso, técnica cirúrgica meticulosa, aderência às normas de biossegurança, monitoramento pós-operatório rigoroso e um gerenciamento de complicações competente. Através destas medidas, é possível garantir o sucesso do procedimento cirúrgico e o bem-estar do paciente.



REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Marynara Mathias de; PAULA, Yasmin Cássia Ribeiro de. Acidentes e complicações associados à extração de terceiro molar. 2021.
- DA SILVA, Maxsuel Bezerra et al. Acidentes e complicações em exodontias de terceiros molares. Scientific-clinical odontology, v. 59082, p. 120, 2018.
- GARCIA, Déborah Olimpio et al. O uso de corticoterapias no controle de parâmetros inflamatórios em cirurgia oral menor. Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 4, p. 8498-8511, 2020.
- GUIMARÃES, Larissa Alves. Acidentes e complicações em cirurgia oral menor. Revista Eletrônica Acervo Odontológico, v. 5, p. e11713-e11713, 2023.
- HUPP, James R.; ELLIS III, Edward E.; TUCKER, Myron R. Cirurgia oral e maxilofacial contemporânea. 7^a ed. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2021.
- MATEUS, Moysés Matias. Controle farmacológico de complicações em cirurgia de terceiros molares por meio da utilização de anti-inflamatórios não esteroidais combinados ou isolados a opioides. Research, Society and Development, v. 11, n. 6, p. e3311628807-e3311628807, 2022.
- SÁ, Rodrigo Tavares de. Prevalência de acidentes e complicações em cirurgia oral menor e fatores associados em pacientes da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Goiás. 2022.
- SANTOS, Gabriel Lopes. Complicações Pós-Operatórias De Cirurgia De Terceiros Molares. Cadernos de Odontologia do UNIFESO, v. 4, n. 2, 2022.